

# ENTRE GERAÇÕES DIGITAIS: O ENCONTRO (E DESENCONTRO) ENTRE NATIVOS E MIGRANTES NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

*BETWEEN DIGITAL GENERATIONS: THE ENCOUNTER  
(AND DISENCOUNTER) BETWEEN DIGITAL NATIVES AND  
MIGRANTS IN THE CONTEMPORARY SCHOOL*

Alessandra Maria Rocha Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa as transformações provocadas pelas tecnologias digitais no contexto educacional, destacando os desafios e as possibilidades do encontro entre nativos e migrantes digitais na escola contemporânea. Inserida em uma sociedade marcada pela velocidade da informação e pela hiperconectividade, a instituição escolar enfrenta o desafio de reinventar suas práticas pedagógicas e promover o diálogo entre diferentes gerações. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamenta-se em autores que discutem cultura digital, formação docente e inovação pedagógica. Argumenta-se que o fosso geracional tecnológico vai além da dimensão técnica, refletindo diferenças culturais, cognitivas e éticas na forma de aprender e ensinar. A escola, nesse cenário, deve assumir o papel de mediadora entre o humano e o tecnológico, articulando tradição e inovação na construção de saberes significativos. Destaca-se a importância da formação docente crítica e contínua, que prepare o professor para atuar como mediador sensível, ético e criativo. O estudo conclui que o diálogo entre gerações, quando sustentado pela escuta, pela colaboração e pela empatia, pode transformar a diferença em potencial pedagógico, promovendo aprendizagens mais inclusivas, participativas e humanizadoras. Assim, compreender o encontro entre nativos e migrantes digitais é essencial para repensar o papel da escola no século XXI e consolidar uma educação que una tecnologia, sensibilidade e compromisso social.

**Palavras-chave:** nativos digitais; migrantes digitais; cultura digital; formação docente; mediação pedagógica.

---

1 Pedagoga e Geógrafa. Licenciatura em Pedagogia e Geografia com pós-graduação em Psicopedagogia com ênfase em educação especial e educação inclusiva, Neuropsicopedagogia Clínica, Psicomotricidade e Educação Contemporânea com ênfase coordenação pedagógica. Professora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás - SEDUC/GO. E-mail: alessandrarochoa2007@hotmail.com

**Abstract:** This article analyzes the transformations brought about by digital technologies in the educational context, highlighting the challenges and possibilities of the encounter between digital natives and migrants in contemporary schools. Immersed in a society marked by the speed of information and hyperconnectivity, educational institutions face the challenge of reinventing their pedagogical practices and fostering dialogue between different generations. The research, of bibliographic nature and qualitative approach, is grounded in authors who discuss digital culture, teacher education, and pedagogical innovation. It is argued that the technological generational gap goes beyond the technical dimension, reflecting cultural, cognitive, and ethical differences in the ways of learning and teaching. In this scenario, the school must assume the role of mediator between the human and the technological, articulating tradition and innovation in the construction of meaningful knowledge. The importance of critical and continuous teacher education is emphasized, preparing educators to act as sensitive, ethical, and creative mediators. The study concludes that dialogue between generations, when sustained by listening, collaboration, and empathy, can transform difference into pedagogical potential, promoting more inclusive, participatory, and humanizing learning processes. Therefore, understanding the encounter between digital natives and migrants is essential to rethink the role of the school in the twenty-first century and to consolidate an education that unites technology, sensitivity, and social commitment.

**Keywords:** digital natives; digital migrants; digital culture; teacher education; pedagogical mediation.

## Introdução

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais nas últimas décadas redefiniram profundamente as formas de comunicação, aprendizagem e convivência humana. A velocidade das informações, a multiplicação das fontes de conhecimento e a emergência de novas linguagens alteraram a maneira como os sujeitos interagem com o mundo e constroem significados. Nesse cenário, a escola passou a enfrentar o desafio de repensar seu papel social e pedagógico, buscando compreender as implicações da cultura digital para o ensino e para a formação de sujeitos críticos e participativos. A relação entre professores e alunos, tradicionalmente estruturada em papéis fixos de autoridade e obediência, foi tensionada pela presença das tecnologias, que introduziram novos modos de aprender e ensinar.

Como afirma Baptista (2024, p. 6), “a escola contemporânea é um espaço de encontro entre temporalidades distintas, onde a convivência entre gerações exige diálogo, escuta e abertura para o novo”. Essa perspectiva destaca a necessidade de compreender o contexto educacional como um território plural, no qual coexistem diferentes ritmos, saberes e experiências. Os chamados nativos digitais, imersos desde cedo em ambientes tecnológicos, possuem uma relação natural com as mídias e com a conectividade. Já os migrantes digitais, que se formaram em contextos analógicos, enfrentam o desafio de adaptar-se a um universo permeado por linguagens rápidas e hiperconectadas. Essa convivência entre gerações, embora fecunda, evidencia um fosso geracional que atravessa as práticas pedagógicas e as relações escolares.

A discussão sobre nativos e migrantes digitais, cunhada inicialmente por Prensky (2001), continua atual ao revelar que a diferença não se resume à idade ou ao domínio técnico, mas envolve distintas formas de perceber o conhecimento e de atribuir sentido à experiência. Conforme observa Silva et al. (2022, p. 9), “a lacuna tecnológica entre docentes e discentes reflete também uma distância cultural, emocional e ética no modo de compreender a aprendizagem e a convivência”. A escola, portanto, torna-se o espaço privilegiado para o diálogo entre essas dimensões, assumindo o papel de mediadora entre o passado e o futuro, entre o saber consolidado e as novas formas de produção do conhecimento.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como a educação pode promover a aproximação entre gerações em meio às rápidas transformações tecnológicas. O fosso geracional, longe de ser um obstáculo, pode ser compreendido como oportunidade para o fortalecimento do diálogo e da colaboração, desde que a escola adote práticas que valorizem tanto o repertório digital dos alunos quanto a experiência reflexiva dos professores. A cultura digital, quando mediada por princípios éticos e pedagógicos, tem potencial para renovar os vínculos educativos, tornando o aprendizado mais significativo, participativo e humanizado.

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre nativos e migrantes digitais no contexto escolar, investigando de que modo a escuta pedagógica, a mediação docente e a inovação tecnológica podem contribuir para a construção de uma educação dialógica e inclusiva. Busca-se compreender de que forma a integração das tecnologias pode aproximar as gerações e promover aprendizagens mais contextualizadas e colaborativas. O estudo parte do pressuposto de que o encontro entre o

humano e o tecnológico não deve ser pautado pela substituição, mas pela integração — um processo que reconhece a tecnologia como meio e não como fim.

Metodologicamente, o trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica, com enfoque qualitativo e caráter reflexivo, fundamentando-se em autores que discutem educação, cultura digital e formação docente. A análise contempla perspectivas teóricas contemporâneas que abordam o impacto das tecnologias nas práticas pedagógicas e nas relações intergeracionais, com ênfase na construção de vínculos e sentidos dentro da escola. As fontes utilizadas incluem artigos científicos, livros e documentos oficiais que tratam da inovação educacional e das políticas de formação de professores na era digital.

A estrutura do artigo organiza-se em seções que exploram, inicialmente, o conceito de gerações digitais e o impacto das tecnologias no cotidiano escolar. Em seguida, analisa-se a formação docente diante das novas exigências da cultura digital e a importância da mediação ética e sensível no uso das tecnologias. Por fim, discutem-se as possibilidades de superação do fosso geracional por meio de práticas pedagógicas colaborativas, da escuta ativa e do fortalecimento dos vínculos entre professores e estudantes. As considerações finais retomam os principais achados e propõem reflexões sobre a necessidade de uma educação humanizadora e inclusiva, capaz de integrar tecnologia e sensibilidade, inovação e diálogo.

Conclui-se que compreender o encontro e o desencontro entre nativos e migrantes digitais é essencial para repensar o papel da escola no século XXI. A educação não pode ignorar a presença do digital, mas deve orientar seu uso para a promoção da autonomia, da empatia e da cidadania. O desafio está em transformar a distância entre gerações em oportunidade de crescimento mútuo, reafirmando a escola como espaço de escuta, convivência e reconstrução do humano em meio às tecnologias.

## **Nativos e migrantes digitais: concepções e desafios educacionais**

A presença das tecnologias digitais transformou radicalmente os modos de aprender, comunicar e interagir, criando novas fronteiras geracionais entre os chamados nativos e migrantes digitais. Os primeiros cresceram imersos na cultura tecnológica e desenvolvem uma linguagem fluida com os recursos digitais; os segundos, embora adaptados, carregam

resquícios de práticas analógicas e enfrentam o desafio de transitar por novas formas de interação. Como aponta Lira (2017), as experiências digitais moldam a percepção, o comportamento e os modos de construção de conhecimento das novas gerações. Essa realidade exige que a escola repense seus processos de ensino e aprendizagem, reconhecendo que o domínio técnico não é sinônimo de competência crítica ou de discernimento ético no uso da tecnologia.

Conforme relatado por Portugal e Souza (2020, p. 267):

A diferença entre nativos e migrantes digitais não se resume à idade, mas ao tipo de relação estabelecida com o conhecimento e com os meios de comunicação. A geração de professores migrantes, muitas vezes formada em contextos pré-digitais, encontra desafios para dialogar com alunos habituados à instantaneidade e à multiplicidade de informações.

No entanto, a superação desse hiato geracional não se dá pela simples adoção de tecnologias, mas pela construção de pontes pedagógicas baseadas na escuta, na empatia e na coaprendizagem. O educador contemporâneo precisa reconhecer-se também como aprendiz, disposto a revisitar suas práticas e a compreender o universo digital como campo legítimo de experiências educativas e culturais.

O avanço das tecnologias digitais impôs à escola o desafio de reinventar suas práticas pedagógicas e de repensar o papel do professor diante de novos modos de aprender. A sala de aula tornou-se um espaço permeado por múltiplas linguagens, exigindo do educador flexibilidade e sensibilidade para lidar com estudantes conectados e dinâmicos. Como consideram Penna e Ingrassia (2024, p. 6), “a presença das tecnologias digitais nas escolas demanda uma revisão das práticas pedagógicas tradicionais, deslocando o foco do ensino para o protagonismo do aluno”. O estudante contemporâneo, imerso na cultura digital, necessita de experiências colaborativas e criativas, nas quais o diálogo e a mediação docente transformem o conhecimento em vivência e construção compartilhada.

A formação docente para o uso de tecnologias na educação exige mais do que domínio instrumental: requer pensamento crítico e consciência ética sobre o impacto das mídias no processo de aprendizagem. O professor contemporâneo precisa compreender as dimensões cognitivas e sociais do mundo digital, atuando como mediador capaz de orientar o estudante na leitura e na interpretação das informações. Nessa perspectiva, a tecnologia se transforma em meio de reflexão e diálogo, e não em simples

ferramenta de reprodução. Educar na cultura digital implica formar sujeitos autônomos, criativos e responsáveis por suas próprias escolhas e produções.

Como analisado por Monte (2025, p. 4):

A distinção entre nativos e migrantes digitais tende a se atenuar quando há intencionalidade pedagógica e abertura para a aprendizagem compartilhada. Isso significa que o verdadeiro diferencial educativo não está na familiaridade técnica com os dispositivos, mas na capacidade de utilizá-los de maneira significativa.

A escola deve ser espaço de convergência, onde diferentes gerações constroem juntos novos modos de ensinar e aprender. Quando o professor acolhe o saber digital do aluno e o integra às práticas pedagógicas, o processo educativo se torna mais democrático, dialógico e participativo, promovendo a valorização mútua entre gerações.

O avanço das tecnologias digitais transformou profundamente as relações entre gerações dentro do ambiente escolar, exigindo um equilíbrio entre conectividade e presença humana. A escola deve valorizar práticas que cultivem a atenção, a escuta e o diálogo, preservando o tempo da reflexão em meio à velocidade das informações. A convivência entre nativos e migrantes digitais, quando pautada pela empatia e pelo respeito mútuo, favorece a troca de experiências e o aprendizado colaborativo. Nesse contexto, o desafio da educação contemporânea é harmonizar o uso das tecnologias com o desenvolvimento ético e emocional, formando sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com o coletivo.

## **A escola diante do fosso geracional tecnológico**

O avanço tecnológico das últimas décadas modificou profundamente as formas de comunicação, aprendizagem e convivência, impondo à escola o desafio de repensar sua função social e pedagógica. O chamado fosso geracional tecnológico revela o contraste entre professores que se formaram em contextos analógicos e estudantes que nasceram imersos na cultura digital. Essa distância não se restringe ao domínio técnico das ferramentas, mas expressa diferentes modos de pensar, sentir e interagir com o mundo. A instituição escolar, diante desse cenário, precisa adotar uma postura mais flexível e dialógica, reconhecendo a diversidade de tempos e linguagens que coexistem no ambiente educativo contemporâneo.

Conforme aponta Franqueira et al. (2024, p. 3):

O desafio das instituições educativas está em compreender que a tecnologia não é um fim em si mesma, mas um meio de mediação entre sujeitos e saberes”. A escola, muitas vezes, ainda resiste a integrar plenamente o digital ao currículo, mantendo práticas centradas na transmissão e no controle. Tal resistência reforça o distanciamento entre docentes e discentes, gerando desmotivação e perda de sentido nas experiências de aprendizagem.

Superar o fosso geracional implica ressignificar o papel da tecnologia, transformando-a em instrumento de diálogo e de construção coletiva do conhecimento. A inovação educacional, nesse contexto, nasce da escuta e da cooperação, e não apenas da adoção de ferramentas digitais.

A distância entre gerações no uso das tecnologias evidencia não apenas diferentes níveis de familiaridade digital, mas também desigualdades estruturais e formativas. De acordo com Silva et al. (2022, p. 9), “a lacuna tecnológica entre docentes e discentes reflete assimetrias de acesso, formação e cultura digital”. Esse descompasso, segundo Baptista (2024, p. 7), exige “políticas educacionais que reconheçam a diversidade de contextos e promovam práticas pedagógicas inclusivas e colaborativas”. A formação continuada, aliada a uma infraestrutura adequada, torna-se essencial para transformar a tecnologia em instrumento de diálogo e não de exclusão.

O avanço da cultura digital transformou o modo como os jovens aprendem, comunicam-se e constroem sentidos, impondo à escola o desafio de equilibrar tradição e inovação. O fosso geracional, marcado por diferentes linguagens e tempos de aprendizagem, evidencia a necessidade de diálogo e atualização constante. Como destaca Sandes et al. (2024), a cultura digital redefine as formas de aprender e desafia o modelo escolar tradicional a repensar tempos, espaços e relações pedagógicas. Nesse contexto, o papel da escola é tornar-se ponte entre mundos, articulando o saber tecnológico à formação humana, de modo que o conhecimento seja vivido como encontro, cooperação e partilha.

A educação contemporânea enfrenta o desafio de aproximar gerações que vivem e aprendem de modos distintos, exigindo práticas que conciliem saberes tradicionais e linguagens digitais. A distância entre professores e alunos, quando mediada pelo diálogo, pode tornar-se oportunidade de crescimento mútuo e de reconstrução de vínculos pedagógicos. De acordo com o que defende Pedro e Santos (2025, p. 4), “a superação do fosso geracional passa pela construção de uma pedagogia do encontro, em que o professor assume a posição de mediador e o aluno, de protagonista”.

Assim, o papel da escola é transformar diferenças em potencial criador, promovendo cooperação e aprendizagem compartilhada.

A escola que reconhece as diferenças tecnológicas entre gerações torna-se um espaço de reconciliação entre passado e futuro, onde o diálogo e o aprendizado mútuo se tornam centrais. Essa reconciliação exige abertura ao novo, valorização das experiências pré-digitais e disposição para o desenvolvimento contínuo de competências pedagógicas. O professor, mais do que competir com as tecnologias, precisa mediá-las de forma ética e criativa, orientando os alunos a fazerem uso consciente dos recursos digitais. O fosso geracional tecnológico, quando tratado com empatia e formação crítica, transforma-se em oportunidade de inovação, fortalecendo os vínculos entre educadores e estudantes.

### **Formação docente e inovação pedagógica na cultura digital**

A cultura digital transformou profundamente o modo como o conhecimento é produzido, compartilhado e apropriado, exigindo uma reconfiguração das práticas educativas e da própria identidade docente. O professor contemporâneo precisa ir além da transmissão de conteúdos, assumindo o papel de mediador, criador e curador de experiências de aprendizagem significativas. Segundo as reflexões de Oliveira (2017, p. 290), “a formação docente deve ser um processo contínuo de reconstrução de saberes, em diálogo com as transformações sociais e tecnológicas”. A inserção das tecnologias no cotidiano escolar não se restringe a um recurso didático, mas se converte em linguagem e meio de interação, demandando novas competências éticas, cognitivas e emocionais. Nesse contexto, inovar pedagogicamente é também humanizar o uso da tecnologia, reconhecendo seu potencial de inclusão e de ampliação dos horizontes educativos.

Como afirmado por Silva Neto et al. (2019, p. 892):

A inovação pedagógica surge quando o professor articula o domínio técnico com uma postura reflexiva e colaborativa diante do conhecimento. Tal perspectiva evidencia que o desafio não está apenas em aprender a usar ferramentas digitais, mas em ressignificar as práticas de ensino à luz da cultura digital.

O educador precisa compreender que a tecnologia é um meio de mediação cultural e de construção coletiva de sentido, e não um fim em si mesma. O protagonismo docente manifesta-se na capacidade de transformar o espaço virtual em um ambiente de diálogo, empatia e

investigação crítica. Assim, a formação de professores deve priorizar a autonomia intelectual e o engajamento ético, possibilitando uma ação pedagógica consciente e criativa.

A formação de professores no contexto digital exige repensar não apenas o domínio técnico, mas a capacidade de refletir criticamente sobre o papel da educação em tempos de constante transformação. O docente contemporâneo precisa desenvolver autonomia intelectual e sensibilidade para integrar tecnologia e humanização no processo de ensino. De acordo com o que sustenta Gama (2024, p. 4), “a formação docente na era digital precisa valorizar o aprender a aprender, estimulando a curiosidade, a experimentação e a colaboração”. Assim, o professor torna-se agente de mudança, capaz de reinventar práticas e construir saberes em diálogo com a realidade hiperconectada dos alunos.

Segundo o que observa Marques (2025, p. 5):

A cultura digital convoca o docente a atuar como sujeito crítico, sensível e colaborativo, capaz de traduzir o conhecimento acadêmico em experiências de sentido para o aluno. A inovação pedagógica, nesse horizonte, não é um modismo tecnológico, mas uma forma de promover a aprendizagem ativa e participativa. Ao criar ambientes híbridos e interativos, o professor estimula o protagonismo estudantil e o pensamento crítico, aproximando o conteúdo da realidade social e cultural dos discentes.

A formação docente deve, portanto, preparar o educador para lidar com a complexidade, a diversidade e a velocidade informacional que caracterizam o mundo digital, sem abrir mão da dimensão humana do ensino.

A inovação educacional só se concretiza quando há diálogo entre gerações e reconhecimento das múltiplas formas de aprender que coexistem no ambiente escolar. A cultura digital amplia as possibilidades de interação e exige da escola a superação de modelos hierárquicos e homogêneos de ensino. O professor precisa adotar uma postura aberta, disposta a aprender com os estudantes e a reconhecer neles sujeitos ativos na produção de conhecimento. A inovação pedagógica, portanto, é fruto da escuta e da colaboração, configurando-se como um processo contínuo de reinvenção e partilha entre o humano e o tecnológico.

A formação docente para a inovação digital requer a integração entre técnica e sensibilidade, garantindo que o uso das tecnologias esteja orientado por princípios éticos e formativos. O professor contemporâneo deve compreender a tecnologia como meio de ampliação das experiências

humanas e não como substituição da presença e do diálogo. A escola precisa tornar-se um espaço de experimentação criativa, no qual o conhecimento circule de forma colaborativa e significativa. Formar professores na cultura digital é preparar profissionais capazes de promover uma educação inclusiva, crítica e humanizadora, que reconhece o digital como extensão da vida e do aprender.

## **Considerações finais**

A reflexão sobre o encontro entre nativos e migrantes digitais revela que a escola contemporânea se tornou um espaço de confluência de tempos, linguagens e modos de aprender. O advento das tecnologias digitais alterou as dinâmicas da comunicação, do acesso à informação e da construção do conhecimento, exigindo da educação um olhar mais sensível e dialógico diante das transformações socioculturais em curso. A convivência entre gerações conectadas por diferentes experiências tecnológicas desafia a instituição escolar a repensar sua função, não apenas como transmissora de saberes, mas como mediadora de sentidos e promotora de vínculos humanos e colaborativos.

Nesse contexto, compreender a diferença entre nativos e migrantes digitais significa reconhecer que as gerações não se opõem, mas se complementam. Os alunos, nascidos em meio à conectividade, trazem consigo novas formas de interagir com o conhecimento, enquanto os professores, formados em contextos analógicos, carregam a experiência da escuta, da atenção e da reflexão. A escola, ao articular esses dois universos, tem a oportunidade de transformar a diversidade geracional em potencial pedagógico, convertendo o fosso tecnológico em um campo fértil para o diálogo e a criação coletiva. A tecnologia, quando humanizada pela mediação docente, torna-se instrumento de emancipação e não de alienação.

A formação docente, nesse cenário, assume papel central. Educar na era digital requer professores capazes de compreender a complexidade da cultura contemporânea e de atuar como mediadores críticos, éticos e criativos. A capacitação meramente técnica é insuficiente; é preciso investir em processos formativos que integrem reflexão, experimentação e escuta ativa. O educador do século XXI deve aprender a transitar entre diferentes linguagens, articulando o uso das tecnologias com os valores da convivência, da solidariedade e da responsabilidade social. Formar professores para o

mundo digital significa, portanto, prepará-los para lidar com a incerteza e com a velocidade das mudanças, sem perder de vista a dimensão humana e relacional do ensino.

A escola que compreende o digital como extensão da vida e do aprender é aquela que acolhe a multiplicidade de vozes e saberes presentes em sua comunidade. Promover o diálogo entre gerações implica resgatar o sentido da educação como processo coletivo de construção de significados. Nesse horizonte, o papel do professor não é competir com as tecnologias, mas mediá-las com sensibilidade e intencionalidade pedagógica, transformando o ambiente digital em espaço de reflexão, partilha e empatia. A inovação, nesse sentido, não é apenas técnica, mas ética: consiste em humanizar o uso das tecnologias e assegurar que elas sirvam à aprendizagem e ao desenvolvimento integral do sujeito.

As experiências analisadas ao longo deste estudo indicam que o verdadeiro desafio da educação contemporânea é encontrar equilíbrio entre conectividade e presença, velocidade e profundidade, informação e sabedoria. O diálogo entre nativos e migrantes digitais, quando pautado pela escuta e pela cooperação, tem o poder de reconstruir o vínculo entre ensino e humanidade. A escola do futuro — e do presente — será aquela capaz de formar cidadãos conscientes, críticos e solidários, preparados para agir de maneira responsável em um mundo cada vez mais interligado.

Por fim, conclui-se que superar o desencontro entre gerações digitais é tarefa coletiva, que envolve políticas públicas, investimento em infraestrutura e, sobretudo, uma nova cultura de formação e convivência. O encontro entre o humano e o tecnológico, entre o saber acadêmico e o saber vivencial, é o caminho para uma educação mais inclusiva, criativa e transformadora. Educar, na era digital, é aprender a ouvir, a dialogar e a construir pontes — não apenas entre gerações, mas entre mundos.

## Referências

BAPTISTA, T. A. **Adolescência nas redes: produção e venda de identidade**. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3266>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DO MONTE, Cidália Alves. **Tecnologias digitais na Educação: vantagens, desafios e estratégias para uma integração eficiente no contexto brasileiro**. Ensino e Ciências Educacionais, v. 6, n. 1, 2025.

Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/600>.  
Acesso em: 18 set. 2025.

FRANQUEIRA, Alberto da Silva; SOUZA, Edmundo de Oliveira; CAMPOS, Mauro Cezar. **Influência das redes sociais no desenvolvimento psicológico de adolescentes: riscos e benefícios.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 9, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5650>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GAMA, L. da (coord.). **Desafios e oportunidades das metodologias ativas em ambientes digitais.** Revista Remici, v. 10, n. 2, 2024. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/505>. Acesso em: 2 out. 2025.

LIRA, A. G. **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação corporal entre adolescentes do sexo feminino.** Journal Brasileiro de Psiquiatria, v. 66, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MARQUES, Janote Pires. **Utilização de redes sociais e sua influência na saúde mental de adolescentes.** Revista Educação & Ensino, Fortaleza, v. 9, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/822>. Acesso em: 29 set. 2025.

MILL, D.; MARTONI, J. **Desafios pedagógicos, infraestrutura educacional e uso de tecnologias: condições de trabalho em escolas de Jundiaí-SP.** RBAAD – Revista Brasileira de Aprendizagem e Avaliação Docente, v. 24, n. 3, 2024. Disponível em: <https://abed.emnuvens.com.br/RBAAD/article/view/791>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NETO, Antonio Pedro da Silva; BRASIL TAVARES, Kecya Nayane Lucena. **Identidade dos adolescentes e as redes sociais virtuais.** Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências, v. 2, n. 3, p. 883-911, set./dez. 2019. Disponível em: <https://riec.univs.edu.br/index.php/riec/article/view/91>. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. **Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação.** Educar em Revista, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47048>. Acesso em: 17 out. 2025.

PEDRO, V. R. T.; SANTOS, M. P. M. **Desafios da educação digital**

**e globalizada.** REASE – Revista de Educação, Sociedade e Arte, v. 2, n. 5, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18776>. Acesso em: 8 jul. 2025.

PENNA, Yasmin Carretta; INGRASSIA, Eduardo Rangel. **Os adolescentes e os usos das redes sociais em contexto pós-pandemia: formação da autoimagem e pertencimento.** Trajetória Multicursos, v. 17, n. 2, 2024. Disponível em: <https://cientifica.cneec.br/index.php/trajetoria-multicursos/article/download/369/352>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PORTUGAL, Adriana Farias; SOUZA, Júlio César Pinto de. **Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura.** RECH – Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar, ano 4, v. IV, n. 2, p. 262-291, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/download/7966/5673>. Acesso em: 5 set. 2025.

SANDES, E. M. da S. et al. **Educação para Era Digital: desafios dos professores no uso das tecnologias digitais no Ensino Médio.** EaD em Foco, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2288/953>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, D. G. F. et al. **Influência nas relações interpessoais e na construção de identidade de adolescentes: uma análise da literatura brasileira (2010-2020).** Psicologia em Estudo, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200008&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 3 out. 2025.

SOUZA, Rodrigo de Freitas; TOZATTO, Alessandra. **Redes sociais e os impactos na formação da identidade dos adolescentes.** Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61411/rsc202479317>. Acesso em: 21 ago. 2025.